



CADERNOS
DE ESTUDOS
SEFARDITAS



2º SEMESTRE 2020

Cadernos de Estudos Sefarditas

DIRECTORA

Maria de Fátima Reis

COMISSÃO CIENTÍFICA

António Andrade

Béatrice Perez

Bruno Feitler

Claude Stuczynski

Fernanda Olival

Francesco Guidi-Bruscoli

François Soyer

Jaqueline Vassallo

Filipa Ribeiro da Silva

COMISSÃO EDITORIAL

Carla Vieira

Miguel Rodrigues Lourenço

Susana Bastos Mateus

© Cátedra de Estudos Sefarditas Alberto Benveniste

Design da capa: João Vicente

Paginação: Rodrigo Lucas

Tiragem: 100 exemplares

Impressão: LouresGráfica

Data de impressão: Março de 2021

Depósito legal: 426885/17

ISSN: 1645-1910

Cátedra de Estudos Sefarditas Alberto Benveniste

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Alameda da Universidade

1600-214 Lisboa

Telef. +351 21 792 00 00

cadernos_sefarditas@letras.ulisboa.pt

<http://cadernos.catedra-alberto-benveniste.org>

Índice

Nota editorial 7

PARTE I - ARTIGOS

AITOR GARCÍA MORENO – La Guerra Civil Española en la prensa sefardí:
el caso del periódico *Acción* de Salónica 11

ARMIN LANGER – Adapting to Protestant Norms and American
Republicanism: Jewish Integration in the Late Colonial and Early
United States Periods on the Example of New York Congregation
Shearith Israel 47

PARTE II – CRÓNICAS

ANGELO ADRIANO FARIA DE ASSIS – Simpósio Virtual Internacional de
História Moderna 71

IGNACIO CHUECAS SALDÍAS E SUSANA BASTOS MATEUS – Praying to the God
of Israel according to the Portuguese Tradition (16th-18th centuries) 77

CARLA VIEIRA – Western Sephardic Diaspora Roadmap: mapeando uma
diáspora documental 79

PARTE III – RECENSÕES

SUSANA BASTOS MATEUS – Mercedes García-Arenal & Gerard Wiegers, <i>Polemical Encounters. Christians, Jews, and Muslims in Iberia and Beyond</i> , Iberian Encounters and Exchange, 475-1755 (University Park: The Pennsylvania State University Press, 2019)	85
CARLA VIEIRA – Sarah Abrevaya Stein, <i>Family Papers: A Sephardic Journey Through the Twentieth Century</i> (New York: Farrar, Straus and Giroux, 2019)	88
Notas biográficas	93
Normas para submissão de artigos	95

na interpretação da figura do cativo e da experiência do cativo. No fundo, o autor vê estes espaços de prisão e de confinamento como lugares de “encontros polémicos” (pp. 272-303). Este aspecto é sublinhado pelos coordenadores da obra, quando referem “captivity can be considered a metaphor for polemical writing itself, which involves a “conquest” and a “taking captive” of the histories and scriptures of Muslim opponents through translation and interpretation” (p. 15). John Dagenais também nos transporta para uma circulação mediterrânica ampla, seguindo os passos do franciscano frei Anselmo Turmeda que, nos finais do século XIV, se converteu ao Islão e desempenhou o papel de tradutor na Tunísia. Neste caso temos, mais uma vez, o ressaltar da importância da tradução nestes mecanismos de transferência cultural entre diferentes universos sociais e religiosos. O capítulo de Teresa Soto, foca-se na mesma área geográfica norte-africana, para estudar um texto polémico anti-cristão em verso, redigido por um mourisco exilado em Tunis. Soto mostra como este texto espelha bem a familiaridade do autor com o universo religioso cristão. O último capítulo do livro é da autoria de Carsten Wilke que se centra numa transferência mais distante em termos geográficos, neste caso, para o Norte da Europa. Wilke dedica-se a estudar o impacto das controvérsias internas ao cristianismo e do subsequente processo de confessionalização na produção de polémica religiosa escrita por autores judeus, em espaços tão polidricos como Amesterdão. Ou seja, neste último texto, o autor destaca linhas de continuidade, mas também as necessárias

rupturas provocadas pela profunda alteração de contextos sócio-políticos.

Este livro colectivo apresenta, sem dúvida, perspectivas muito inovadoras e complexas na forma de analisar estes “encontros polémicos”. A importância das transferências, dos empréstimos linguísticos, da porosidade das realidades religiosas, mostra-nos – através do olhar centrado na produção de polémica religiosa – uma realidade muito rica e plena de diversidade(s) e de complexidade(s). Sobretudo, o panorama conceptual que nos é oferecido nesta obra ganha um potencial significativo para aplicar a outros trabalhos e análises. Por exemplo, pensando no contexto português, seria interessante visitar alguns autores e obras quincentistas produzidas em Portugal, como as de Francisco Machado, João de Barros ou Diogo de Sá e propor releituras que beneficiem deste quadro analítico mais diversificado e problematizado. Um dos contributos principais desta obra é o de potenciar, precisamente, trabalhos futuros que permitam analisar a realidade sócio-religiosa ibérica de uma forma mais problematizada e livre de imagens demasiado fixas e cristalizadas.

SUSANA BASTOS MATEUS

(CESAB-FLUL; CIDEHUS-UÉvora;
CEHR-UCP)

Sarah Abrevaya Stein, *Family Papers: A Sephardic Journey Through the Twentieth Century* (New York: Farrar, Straus and Giroux, 2019), 320 pp. ISBN: 9780374185428.

Salónica, Paris, Manchester, Bombaim, Auschwitz, Lisboa, Barcelona, Joanesburgo, Rio de Janeiro – eis algumas paragens na longa viagem da família Levy pela conturbada história do século XX que Sarah Abrevaya Stein transporta para uma narrativa viva e bem documentada neste livro lançado em 2019 pela editora nova-iorquina Farrar, Straus and Giroux. Professora de Estudos Sefarditas na UCLA (University of California, Los Angeles) e directora do Alan D. Leve Center for Jewish Studies, Stein é uma autora premiada (entre outros, com um Sami Rohr Prize for Jewish Literature e dois National Jewish Book Awards) que, em *Family Papers*, volta a dar provas da qualidade da sua investigação e escrita. Este é um livro que se lê num ápice. Sem floreios narrativos ou preciosismos académicos, abre-se a qualquer tipo de leitor, do mais especializado ao completo leigo, convidado a espreitar por esta janela aberta para história da Europa contemporânea sob a perspectiva de uma família sefardita radicada em Salónica cujos ramos se disseminaram pelo mundo.

Dispersas são igualmente as fontes que permitiram a Stein reconstruir o percurso desta família, depositadas em colecções privadas em nove países e três continentes, a maior delas hoje conservada no Rio de Janeiro: um total de 5000 itens, entre cartas, telegramas, fotografias, documentos legais e médicos, passaportes, etc. Estes fragmentos de memória são habilmente coligidos e interpretados neste livro, organizado em oito partes – “Writers”, “Ottomans”, “Nationals”, “Émigrés”, “Captives”, “Survivors”, “Familiars” e “Descendants” – que espelham

as diferentes identidades e papéis assumidos e/ou impostos às sucessivas gerações dos Levy. Cada capítulo – sempre com um nome próprio a servir de título – debruça-se sobre um elemento da família, cujos percursos são retomados ao longo do livro.

A história dos Levy começa em Salónica de meados do século XIX, então uma metrópole cosmopolita e buliçosa, em que os judeus constituíam uma maioria e o ladino era a língua mais ouvida pelas ruas. É nesta cidade junto ao mar Egeu que vamos encontrar o patriarca Sa’adi Besalel Ashkenazi a-Levi (1820-1903), o primeiro cronista da família. Uma memória em ladino, que circulou de geração em geração até chegar ao Rio de Janeiro e às mãos bisneto Sadi Silvio Levy (que a doou em 1977 à Biblioteca Nacional de Israel), foi o primeiro ponto de contacto de Stein com a família. Em 2012, junto com Aron Rodrigue, Stein editou uma tradução para inglês da memória que Sa’adi compôs já na recta final da sua vida. A escrita e os prelos sempre fizeram parte da vida de Sa’adi. Atrás de si, três gerações de impressores, ofício enraizado na família desde a mudança do seu bisavô de Amesterdão para Salónica em 1731. Em 1875, Sa’adi fundou o primeiro jornal em ladino da cidade, o *La Epoka*. O ofício teve continuidade no seu filho Shemuel Sa’adi (1870-1959). Ele e os irmãos haviam sido educados numa encruzilhada cultural entre o Ocidente e o Oriente. Estudaram na escola da Alliance Israélite Universelle, que o próprio Sa’adi ajudara a fundar em 1873. Shemuel (que passou, mais tarde, a usar o nome Sam Lévy) assumiu a direcção do *La Epoka* e fundou o francês *Le*

Journal de Salonique. Nas páginas de ambos, não se reservava a exprimir as suas maiores causas: a defesa do ladino e a devoção patriótica ao estado otomano. Também o irmão mais velho, David (1863-1943), era um convicto paladino do Império, servindo a administração otomana como director do departamento de passaportes e, mais tarde, secretário pessoal do governador provincial. Prova categórica dessa afiliação ao Império foi a adopção do nome turco Daout e do apelido Effendi.

O primeiro grande golpe no destino dos Levy aconteceu em 1912, com a ocupação grega de Salónica. O processo de helenização e a imigração massiva de gregos ortodoxos após o tratado de Lausanne fragilizaram a posição dos judeus salonicenses, que, em poucos anos, se tornaram numa minoria ameaçada. A Primeira Guerra Mundial acabaria por agravar a situação económica da cidade e despovoá-la de parte da sua população judaica. Então, alguns membros da família Levy abandonaram Salónica. Sam Lévy fê-lo ainda antes da ocupação grega, em 1911, fixando-se com a família em Paris. A irmã Fortuné também deixou a terra-mãe anos mais tarde, em 1919. Seguiu com a família para Manchester, onde o filho Jacques se encontrava desde 1912, a representar os negócios do pai na metrópole industrial inglesa. Apoiante acérrimo da causa otomana, Jacques chegou a ser preso pelas forças aliadas no campo de detenção na Isle of Man durante a guerra. Os filhos de Daout, Leon e Emanuel, seguiram os passos do tio Sam e trocaram o porto do Egeu por Paris. Anos mais tarde, em 1925, Leon seguiu para

o Brasil e assim inaugurou o ramo da família que, a partir do Rio de Janeiro, se tornou no depositário da memória familiar.

Daout Effendi permaneceu em Salónica. Enquanto líder da comunidade judaica, assistiu ao recrudescer do anti-semitismo na região ao longo das décadas de 20 e 30. Estes foram igualmente anos difíceis para as finanças da família. O patriarca chegou a ser obrigado a recorrer à ajuda do filho Leon, no Brasil, para conseguir garantir o sustento dos seus. A ruína dos Levy reflectia a queda da elite judaica de Salónica. A ocupação alemã, em Abril de 1941, foi o golpe final. Aos 80 anos, Daout testemunhou o encerramento da congregação, as pilhagens e a destruição da sinagoga, do cemitério e de casas particulares. A pedra tumular do pai, tal como tantas outras, acabou usada como pavimento de um passeio. Ao contrário de outros correligionários, não abandonou a cidade. Em Março de 1943, 50 mil judeus foram deportados de Salónica. Daout e a família estavam entre os 18 mil levados para Auschwitz. Terá morrido pouco após a chegada ao campo. A mesma sorte tiveram outros 36 parentes.

Por essa altura, já os Levy estavam dispersos por diferentes paragens na Europa e na América e com percursos de vida completamente díspares. Esther, filha de Fortuné Levy, e o marido Ellis Michael trocaram a cidade de Manchester pela rural Didsbury e dedicaram-se à produção de lacticínios, nomeadamente de iogurte, numa inesperada ligação às suas raízes gregas (“their yogurt-making bent the arc backward, connecting modern life to ways of the past”).

O irmão Karsa, após terminado o curso de engenharia na Universidade de Manchester, emigrou para a Alemanha. Ao serviço da AEG, foi destacado pela companhia para trabalhar num projecto em Bombaim, onde viria a permanecer durante duas décadas – com um breve e atribulado regresso a Berlim por alturas dos Jogos Olímpicos de 1936, também ao serviço da empresa, contratada para operacionalizar a transmissão do evento. Leon, filho de Daout, depois de um período conturbado durante os primeiros anos da ditadura de Getúlio Vargas, conseguiu vingar no negócio têxtil no Brasil e ajudar a família que ficara em Salónica. O tio Sam encontrava-se em Paris. Antecipando a entrada das tropas alemãs na cidade, fugiu para a Cote d’Azur e, assim, conseguiu escapar à trágica sorte do resto da família que se encontrava em França. Emmanuel, irmão de Leon, estava em Paris quando a cidade foi ocupada na Primavera de 1940. Dois anos depois, ele e a família foram presos e deportados para o campo de Drancy. Os primos Maurice e Jacques (filhos de Besalel A. Levi, irmão de Sam e Douat) conheceram o mesmo destino. O tempo em Drancy foi breve. Emmanuel e a família seguiram para Auschwitz, onde foram gazeados logo à chegada. Maurice e Jacques foram seleccionados em Kassel para trabalhos forçados e levados para o campo de Ottmuth, na Polónia. No final da guerra, Jacques encontrava-se no campo de Blechhammer. Com a ajuda de oficiais soviéticos, conseguiu regressar a França. Em Paris, reencontrou o tio Sam, que regressara ao seu ofício e fundara o jornal *Les Cahiers Séfardis*. Anos mais

tarde, Jacques acabaria por se estabelecer em Barcelona, em representação da firma do sogro Isaac Carasso, a Danone. O seu irmão Ino nunca chegou a conhecer as agruras da vida num campo de trabalho forçado. O passaporte português que trouxera de Salónica atribuiu-lhe, numa Paris ocupada, o estatuto de cidadão de um país neutro. Em Novembro de 1943, este passaporte tornou-se no seu bilhete de ida para Portugal, onde acabou por se estabelecer definitivamente e constituir família.

A história dos Levy durante a Segunda Guerra Mundial está longe de ser linear. Vital Hasson, sobrinho-neto de Daout e Sam, operou ao serviço das SS, enquanto líder da Guarda Civil em Salónica. Um perigoso perpetrador, capaz das mais abomináveis atrocidades, ficaria conhecido como o “Pesadelo dos Judeus”. Tornou-se no único judeu na Europa a ser julgado e executado por crimes de guerra pelo estado grego. Aos irmãos restou a desonra: Dino morreu em Auschwitz, supostamente linchado por outros presos judeus; Julie sobreviveu ao campo de Bergen-Belsen mas teve de enfrentar a miséria e a vergonha no regresso à Grécia.

Em 1946, Salónica era menos do que uma sombra do passado. Stein reproduz o pungente testemunho do historiador Cecil Roth em visita à cidade no Verão daquele ano: uma criança sentada numa cadeira da sinagoga no meio da rua, um fragmento de Sefer Torah usado como sola de sapato, pedras tumulares aproveitadas para o restauro de igrejas. É a esta Salónica em ruínas que Julie e o pai Aron regressam, debatendo-se

em simultâneo com a repulsa do que restava da comunidade judaica – afinal, eram a família do “Pesadelo dos Judeus” – e com o anti-semitismo persistente, que nem as tragédias da guerra haviam dissipado. Ironia do destino, Julie tornou-se no elo de ligação dos Levy dispersos pelo mundo com Salónica. Manteve correspondência regular com o primo Leon no Brasil e recebeu, um a um, os primos vindos de Portugal, Espanha, França, Inglaterra e Índia em visita. Uma mãe para toda a família – assim a recordaria a sobrinha Liliane (filha de Vital) no seu epitáfio. Conclui Stein: “there were other Levy mothers, of course, but arguably Julie was the last motherly figure capable of holding together the sprawling family” (p. 252).

A história dos Levy é repleta de contornos surpreendentes e até romanescos. Do Rio de Janeiro a Bombaim, da imprensa aos iogurtes, uma narrativa construída por vítimas e algozes, por impressores, jornalistas, burocratas, empresários, engenheiros e até uma Miss Money Penny (“Nevertheless, who could have anticipated that a descendant of Sa’adi’s, Pamela Salem O’Hagan, would

play Miss Money Penny to Sean Connery’s James Bond? Jewish history, like history of all varieties, has continuities as well as bombshells” (p. 267)). Não obstante, a epopeia dos Levy reflecte os cambiantes da diáspora sefardita na era contemporânea. Em particular, é um testemunho da dispersão das famílias que, durante séculos, povoaram a Jerusalém dos Balcãs, tornada um escombros do passado após as ocupações grega e alemã. A memória desse passado tende a dissipar-se ao longo das gerações, fruto da passagem do tempo e da cicatrização das feridas. Como refere Stein, é a ordem natural das coisas. “The folly may lie in the historian, hungry to chart a unique system of coordinates in the ether” (p. 265) – uma boa definição do ofício do historiador a encerrar um bom exemplar do que é e pode ser a historiografia contemporânea.

CARLA VIEIRA

Cátedra de Estudos Sefarditas

Alberto Benveniste

CHAM, FCSH, Universidade NOVA

de Lisboa